

Resistir ao apagamento: testemunhando as existências confinadas de Stela do Patrocínio e Rogério Duarte

José Roberto Araújo de Godoy¹⁴

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC–Rio)

Resumo

Este artigo se propõe a ler duas obras que procuram organizar na linguagem a experiência do confinamento, buscando refletir sobre as possibilidades de desdobrá-la na contemporaneidade como uma modalidade de resistência. Trataremos aqui de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, organização dos depoimentos de Stela do Patrocínio, colhidos entre 1986 e 1989, durante os anos finais de sua internação na antiga Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro, lançado em 2001; e *A grande porta do medo*, testemunho de Rogério Duarte sobre seu período como prisioneiro do regime militar brasileiro em abril de 1968, que só viria a aparecer em livro já neste século. Por meio da reflexão do filósofo francês Étienne Souriau, relida recentemente em livro por David Lapoujade, abordaremos as possibilidades de resistência operadas pela comunidade ou por indivíduos que se dispõem a servir de intermediários para a presentificação das experiências traumáticas de outros seres.

Palavras-chave

Stela do Patrocínio. Rogério Duarte. Étienne Souriau. David Lapoujade. Literatura de Testemunho. Resistência.

¹⁴ Doutorando do programa de Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio (Bolsista CAPES). Dedicou-se a pesquisar as imbricações entre estética e política no espaço latino-americano.

1 Introdução

“Não somos reais pelo simples fato de existirmos; somos reais apenas se tivermos conquistado o direito de existir.”
(David Lapoujade)

Este artigo se propõe a ler duas obras que procuram organizar na linguagem a experiência do confinamento, buscando refletir sobre as possibilidades de desdobrá-la na contemporaneidade como uma modalidade de resistência. Trataremos aqui de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, organização dos depoimentos de Stela do Patrocínio, colhidos entre 1986 e 1989, durante os anos finais de sua internação na antiga Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro, lançado em 2001; e *A grande porta do medo*, testemunho de Rogério Duarte sobre seu período como prisioneiro do regime militar brasileiro em abril de 1968, que só viria a aparecer em livro já neste século.

Nosso ponto de partida é pensar nos efeitos de determinadas espacialidades nas articulações do discurso. Entender como esses espaços criam temporalidades específicas, que operam sobre os seres, afetando seus corpos (a maneira como passam a se organizar ou desorganizar), expressando-se por meio de gestos, falas ou modos de dizer que produzem no discurso séries de marcações textuais (escolhas lexicais, organizações da sintaxe, recorrências, reiteraões, elisões, utilizações de tempos verbais).

A essas marcações nomearemos como “uma escrita de espacialidades”, uma categoria para a exploração das imbricações entre fala, texto e espaços ocupados produzidos por uma determinada subjetividade ou modalidade de existência¹⁵. Esta categoria pode se subdividir em inúmeras subseções, diversas possibilidades de produção textual relacionada à espacialidade. A que trataremos neste artigo nomearemos como “uma escrita em espaços confinados”.

Essa escrita se dá em determinados territórios em que o sujeito passa a ser recolhido contra sua vontade, e/ou sem sua completa consciência e concordância¹⁶. A escrita ganha assim uma caracterização documental desta experiência imposta de fora para dentro, desdobrando-se em gêneros diversos: testemunho, depoimento, diário etc.

¹⁵ Trataremos da concepção multimodal da existência de Étienne Souriau em diversas entradas desse artigo.

¹⁶ Uma subcategoria para essa modalidade de escrita se dá quando o confinamento é uma escolha do sujeito. É o exemplo dos diários de Torquato Neto produzidos durante sua internação voluntária no Hospital Psiquiátrico Pedro II, no Rio de Janeiro.

Em algumas vezes, pode ser produzida durante o próprio período de reclusão, em outras passa a ser elaborada *a posteriori* ativada pela memória; seu formato definitivo, que passa a circular entre os leitores como obra, pode tanto ser estruturado como objeto literário por aquele que passou por essa experiência, quanto ser organizado por terceiros. Os exemplos que trazemos aqui se aproximam por se configurarem a partir de subjetividades aprisionadas pelo Estado brasileiro a partir de políticas públicas de extermínio e exclusão social.

O surgimento de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* (2001) só é possível por uma rede de mediadores, que transportarão o discurso oral de Stela do Patrocínio para o registro textual. A obra que irá alcançar os leitores numa edição da editora Azougue, no começo desse século, com organização e apresentação a cargo da filósofa Viviane Mosé, passa a ter uma caracterização muito específica: é tanto o objeto final que circula como obra literária, quanto o sombreamento de todos os demais possíveis registros daquela fala, tudo o que foi dito e não registrado como escrita. É ainda a potencialidade em suspenso das infinitas chaves de elaboração textual, que poderiam ser realizadas por Patrocínio ou por terceiros. Editar, organizar, neste caso, é escolher, e de certo modo restringir. É deixar de fora, dar acabamento para aquilo que não se pretende acabado.

Mosé pensa em transposição quando trata do processo de fixação desses textos (MOSE, 2001, p. 26). O que ela chama de força interpretativa, quando se refere à maneira como Patrocínio produzia seus relatos, talvez possamos pensar como performatividade, o modo como a fala se coloca além do discurso, quando o como se diz passa a ser tão relevante quanto o que é dito. Ainda mais no caso de Patrocínio, em que sua fala responde às indagações realizadas num formato de entrevista¹⁷. Não se trata do registro de uma fala livre, espontânea, mas de uma tentativa de responder a perguntas, uma conversa que, embora seja marcada pela informalidade, contém a marca de um gênero (se não a pesquisa científica, ao menos a coleta de dados). É ainda interessante ressaltar que Patrocínio escapa de qualquer ideia prévia de registro, oferecendo respostas que parecem ficcionalizar o lugar em que está colocada, não só o fato de ser uma interna, mas de certo modo um objeto de estudo.

Mosé define bem a impossibilidade da tarefa a que se propôs: “entre a fala de Stela e este livro, existe e sempre existirá um hiato” (MOSE, 2001, p. 26). Ao

¹⁷ Gostaríamos de agradecer a Viviane Mosé por disponibilizar as gravações de Stela do Patrocínio ao corpo discente do PPGLCC da PUC-Rio.

mesmo tempo, a arbitrariedade¹⁸ de suas escolhas oferece ao leitor uma dupla possibilidade: o contato com uma elaboração artística da fala de Patrocínio – o uso de cesuras, reiteraões, a ocupação espacial da página por parte de Mosé – e o registro histórico de uma determinada experiência coletiva compartilhada por internos de hospitais psiquiátricos da cidade do Rio de Janeiro, ao longo de um amplo arco temporal, reverberando o corpo coletivo nas experiências do corpo individual.

O que Mosé realiza é uma instauração, dando forma, solidez a uma existência. Instaurar, como instaura Mosé, é o gesto de “tirar um cosmos do caos e dar a ele um lugar estável” (LAPOUJADE, 2017, p. 84), como aponta David Lapoujade ao comentar *L’Instauration philosophique*, de Étienne Souriau. É dar uma estrutura, criar uma arquitetura (modelar a forma, dar acabamento à caudalosa oralidade, fazer com que caiba dentro da construção literária).

Já *A grande porta do medo* (2003) surge como uma interdição e um desejo de apagamento, contornados com uma considerável dose de acaso. Concebido para atender a uma encomenda da editora Sabiá, de Fernando Sabino e Rubem Braga, que pedem a Rogério Duarte e seu irmão Ronaldo que relatem a experiência da prisão, ocorrida durante a missa de sétimo dia em homenagem ao estudante Edson Luís, vítima do regime civil-militar, em 1968. Entre pressões do regime sobre os editores e a internação de Duarte em vários hospitais psiquiátricos após sua libertação, o relato, após finalizado, acaba nas mãos do psicanalista Hélio Pelegrino, que o guarda por anos num cofre, só vindo a público editado entre os textos que Duarte compila, em 2003, na coletânea *Tropicaos*.

2 Potência interrompida

Todo confinamento é antecedido pelo fim abrupto de um percurso. O momento em que a plena potência do corpo é interditada e este passa a ser submetido a forças externas. O *conatus*, formalizado por Baruch Espinosa¹⁹ em termos de uma força

¹⁸ Entre as arbitrariedades de Viviane Mosé, ressalto a quebra da ordem temporal do discurso, retomando trechos e os recombinaando em diferentes momentos do texto. Seu processo pode ser relacionado com procedimentos da música eletrônica, como *samplers* e *loopings*. A fala de Stela do Patrocínio ter sido registrada em fitas cassetes ajuda a reforçar a ideia.

¹⁹ Espinosa trata da noção de *conatus* no livro III de *Ética*, “Da origem e natureza dos afetos”, em que afirma, entre outras passagens, que “cada coisa, o quanto está em suas forças, esforça-se para perseverar em seu ser” (ESPINOSA, 2015, III, prop 6).

interna que possibilita ao ser perseverar, encontra um limite, é dobrado por um ato externo em que o sujeito se depara com uma força mais forte que si, e se dá conta de que seu esforço é insuficiente para superá-la.

Stela do Patrocínio irá descrever assim esse momento de rompimento entre a vontade de existir e o limite imposto de fora para dentro:

Eu vim pra Colônia porque eu estava andando na Rua Voluntários da Pátria ao lado do Luís, com um óculos, vestido azul, sapato preto, com uma bolsa branca com um dinheirinho dentro, porque eu ia pegar o ônibus e saltar na Central do Brasil, na Central do Brasil eu ia tomar uma refeição, ia tomar um ônibus na Central do Brasil que ia pra Copacabana, ia chegar em Copacabana [...] caminhando na Rua Voluntários da Pátria ao lado do Luís, o Luís entrou no bar, sentou na cadeira [...] tomou a refeição sozinho, não pagou pra mim, nem eu pedi [...] quando ele acabou nós saímos, eu perdi o óculos, perdi o óculos, perdi o óculos que estava comigo, um óculos escuro, parecia que ele tinha me dado um bofetão na cara pra mim perder o óculos, o óculos pulou no chão, na Rua Voluntários da Pátria, eu caí por cima do óculos e o óculos e eu ficamos no chão, aí veio, aí veio uma velhinha [...] me levantou, disse que não tinha sido nada [...] aí veio uma dona e me botou pra dentro do Posto do Pronto Socorro perto da Praia de Botafogo, e lá, eu dentro do Pronto Socorro, ela me aplicou uma injeção, me deu um remédio, me fez um eletrochoque [...] e aí chamou uma ambulância, uma ambulância assistência e disse: “carreguem ela”, mas não disse pra onde, “carreguem ela”, ... ela achou que tinha o direito de me governar [...] me trouxeram pra cá como indigente. (PATROCÍNIO, 2001, pp. 48-49).

O mapeamento espacial das potencialidades de circulação deste corpo ainda livre vai se espalhando ao longo do texto, como um roteiro de ações possíveis. Patrocínio os enumera: a Rua Voluntários da Pátria, seu comércio, o transporte público, a Estação Central do Brasil, Copacabana etc. Muitas vezes essas marcações espaciais organizam o discurso, com reiterações que funcionam como âncoras à fala, e que dão a esta um ritmo que não passa despercebido à organização posterior de Viviane Mosé, explicitando a potência literária dos relatos de Patrocínio. Se por um lado são instáveis as conexões entre memória, fabulação e a desestruturação argumentativa, seu discurso se enriquece nessas acentuações rítmicas, reiterações discursivas que retiram sua fala do registro em que foi colhido (dentro de um hospital psiquiátrico, com um gravador à frente, respondendo sobre a própria vida).

A Voluntários da Pátria e a Central do Brasil passam a ser tanto referências espaciais, quanto fixações de um território para atos potenciais no discurso, de possibilidades de deslocamentos, reais ou imaginados, do sujeito: “ia pegar o ônibus”, “ia tomar uma refeição”. O choque na fala de Patrocínio, o momento em que essa se desarticula, esgarçando seus sentidos, é também o momento da última aparição desta

âncora texto-espacial – “o óculos pulou no chão, na Rua Voluntários da Pátria” (PATROCÍNIO, 2001, p. 48) – que antecede o último referencial ao território espacial da cidade antes da internação na Colônia Juliano Moreira – “me botou pra dentro do Pronto Socorro perto da Praia de Botafogo” (PATROCÍNIO, 2001, p. 48). É interessante ainda notar que esses óculos surgem logo em sua descrição inicial, descrição que nos parece um retrato de um ser que se vê pleno de potencialidade:

Eu estava andando na Rua Voluntários da Pátria ao lado do Luís, com um óculos, vestido azul, sapato preto, com uma bolsa branca com um dinheirinho dentro, porque eu ia pegar o ônibus e saltar na Central do Brasil. (PATROCÍNIO, 2001, p. 48).

Note-se que este momento de desarticulação na fala – em que se enuncia uma versão da memória em fragmentos orais coligidos um longo tempo após os acontecimentos – é marcado pela substituição dessas âncoras texto-espaciais por um objeto, que em determinados momentos parece se subjetivar:

Perdi o óculos, perdi o óculos, perdi o óculos que estava comigo, um óculos escuro, parecia que ele tinha me dado um bofetão na cara pra mim perder o óculos, o óculos pulou no chão, na Rua Voluntários da Pátria, eu caí por cima do óculos e o óculos e eu ficamos no chão. (PATROCÍNIO, 2001, p. 48)

Inicia-se aqui uma nova série de marcações textuais, que desaparecerão no espaço de confinamento: objetos que parecem mais partes deste corpo, ou ao menos deste corpo afetivo, muitas vezes numa relação simbiótica em sua vulnerabilidade diante dos atos externos: “o óculos e eu ficamos no chão” (...) “Passou a língua no óculos, pra tratar o óculos com a língua” (PATROCÍNIO, 2001, p. 50, grifos meus). O sujeito se aproxima desses objetos como de uma última boia antes do processo de desestruturação de sua subjetividade. Se somam a essas, outras boias, como os nomes próprios, existências próximas ao corpo afetivo desse sujeito das quais é separado. Estas são identificadas, por exemplo, na descrição de Rogério Duarte do momento em que é detido:

Eu vinha com Rute na frente, seguiam-nos Ronaldo e Silvia, quando ele estendeu o braço impedindo-me a passagem. (...) Eu não percebi, de início, do que se tratava (...) Na esquina da 7 de Setembro eles chamaram um carrão da patrulha e eu e meu irmão entramos na boleia. (DUARTE, 2003, p. 58, grifos meus).

A boleia da viatura policial, ou a ambulância assistencial em que Patrocínio é recolhida, são as novas espacialidades (em deslocamento, em transição) entre a

potência e o confinamento. A partir de então o que se dá, além dos muros, dos portões reiterados por Stela – “Eu não posso passar pelo portão. Maria do Socorro não deixa eu passar pelo portão. Seu Nelson também não deixa eu passar lá no portão” (PATROCÍNIO, 2001, p. 55) –, além do desaparecimento dessas referências afetivas, é a vertigem espacial, como se o corpo passasse a ocupar outra gravidade, sem os mecanismos que o permitem estabelecer-se, situar-se.

As marcas textuais podem dizer sobre essa gravidade e a impossibilidade do corpo nela fixar-se, como verbaliza Patrocínio:

“Pelo chão você não pode ficar (...) pelas paredes você também não pode/Pelas camas também você não vai poder ficar/ Pelo espaço vazio você também não vai poder ficar (...) Eu ando um pouquinho cambaleio, fico cambaleando/Quase levo um tombo” (PATROCÍNIO, 2001, p. 54).

ou se dão em nervuras no discurso, como se fosse este e não o corpo, que não produz mais sua própria autonomia, o lugar da desarticulação dentro dessa nova espacialidade,²⁰ espaço em que eclode um novo léxico:

“Percebi pela primeira vez que outras palavras que nunca haviam ousado o salto da garganta à boca começavam seus tímidos golpes na grande porta do medo.” (DUARTE, 2003, p. 59)

A escrita em espaços de confinamento irá constituir-se dessas novas palavras, que reforçam a desestruturação do corpo em suas múltiplas operações (físicas, psíquicas, afetivas, fisiológicas), permanecendo no registro textual como marcas expostas de um discurso esvaziado de qualquer centro ou ponto de fixação de uma determinada subjetividade. Vamos investigar como se dá essa operação nas obras de Stela do Patrocínio e Rogério Duarte, mas antes é preciso pensar um pouco nessas subjetividades ou existências que se desintegram.

3 Existir de outra maneira

“A maneira é o gesto, a “curvatura singular”, a arte de existir. O modo como existimos à nossa maneira.”
(Étienne Souriau)

As subjetividades em espaços de confinamento podem ser pensadas como modalidades de existência. Para isso é fundamental entender, como argumenta David

²⁰ “Eu disse chegamos mas percebo que as palavras me abandonam nesse relato, se elas estavam distantes no sufocado absurdo do cotidiano aí então elas já aparecem como negações de si mesmas”. In: DUARTE, 2003, p. 59.

Lapoujade ao comentar a obra de Étienne Souriau, que a existência de cada ser se dá como uma pluralidade de existências, que cada ser “não está predestinado a um único modo de existência, pode existir segundo vários modos, e não apenas como entidade física, entidade espiritual, valor ou representação.” (LAPOUJADE, 2017, p. 14).

Lapoujade avança em sua reflexão sobre Souriau, e com uma de suas indagações posso retornar às existências confinadas e aos relatos de Stela do Patrocínio e Rogério Duarte: “O que acontece quando estamos totalmente despossuídos do direito de existir segundo determinado modo? Quando não há mais nenhuma saída?” (LAPOUJADE, 2017, p. 103).

É mais do que simplesmente existir, trata-se de “existir realmente”, conquistar o direito de existir à nossa maneira, de diversos modos. Mas então insistimos em perguntar: como existências despossuídas do direito de existir podem se desdobrar em outras modalidades de existir? Ou, como propõe com mais clareza Lapoujade, “como fazem aqueles que não encontram a entrada que os faz ‘serem-no-mundo?’” (LAPOUJADE, 2017, p. 104).

Uma das chaves para intensificação de outras modalidades de existência é o testemunho. Para Souriau é preciso que o ser testemunhe e que seu testemunho ateste a legitimidade de sua existência (LAPOUJADE, 2017, p. 100). Ou que encontre aqueles que possam advogar por ela, aqueles que façam “existir novas entidades, produzam novas realidades, onde antes ninguém tinha visto nada, imaginado nada” (LAPOUJADE, 2017, p. 23). Creio que essas duas possibilidades são contempladas nos relatos de Stela do Patrocínio e Rogério Duarte. Ambos farão da experiência do confinamento um modo de legitimar suas existências, de dar visibilidade a esses espaços de invisibilidade produzidos pelo Estado, que no caso de Duarte são intensificados pelo Estado de exceção vigente. Na posição em que se encontram, seu testemunho só pode existir por meio daqueles que Souriau chama de advogados. São eles que intensificam essas existências abrindo um espaço para que digam algo sobre si. Duarte, muitos anos após o confinamento, quando enfim acaba compilando seus textos pela editora Azougue, no começo deste século. Já quanto a Patrocínio, não há dúvidas que a ampla rede que se estabeleceu entre artistas, médicos e estagiários da Colônia Juliano Moreira, e que irá culminar com a publicação de seus depoimentos, é um caso de uma existência que encontra seus advogados²¹. Essa rede confere legitimidade e cria

²¹ A rede é ampla: da artista plástica Neli Gutmacher, que montou o ateliê com os internos da Colônia Juliano Moreira de onde foi extraído o material a exposição no Paço Imperial em 1988, onde as falas de Stela do

direitos, sobretudo o direito de ser percebida de outra forma, ser ouvida com outra atenção, ter sua fala amplificada, desdobrando-se além dos espaços de confinamento. De fazer existir “contra uma ignorância ou desprezo” (LAPOUJADE, 2017, p. 91). Fazer existir contra o silêncio. Mas, sobretudo, fazer existir contra um determinado espaço. Contra a materialidade do hospício como lugar onde se consumam privações, onde se secciona, segrega. Fazer existir contra o campo simbólico desse espaço. Como ele reverbera, como identifica seus internos com uma determinada posição no mundo.

Se no caso de Stela do Patrocínio essa rede de intensificadores da existência é possível, o que pode ser feito por alguém na situação de Rogério Duarte, que levaria décadas²² para conquistar essa legitimidade? Quais são os atos que permitem que essa existência rompa o confinamento, se torne real?

É difícil ler *A grande porta do medo*, um relato produzido a partir da experiência traumática do confinamento, dos interrogatórios, da tortura, sem pensar na *Genealogia da moral*, de Nietzsche, e sua definição do castigo como um mecanismo criador da memória (BUTLER, 2015, p. 21). A partir dessa noção, gostaríamos de pensar no relato de si mesmo como um gesto de resposta à uma acusação; esse gesto que, segundo Judith Butler aponta ao comentar a *Genealogia*, é movido pelo medo, pelo terror, como a possível tomada de consciência que possibilitará o testemunho.

Nietzsche irá expandir esse relato que responde a um acusador para os mecanismos psíquicos do indivíduo, nos quais esse narrar-se como resposta a um inquiridor externo, como no caso de Duarte e daqueles que são confinados contra sua vontade, se particulariza na impossibilidade do silêncio, de deixar um questionamento exterior sem resposta. Butler formalizará da seguinte forma essa questão:

Ao perguntarmos se somos os causadores do sofrimento, uma autoridade estabelecida nos pede não só para admitir a existência de uma ligação causal entre nossas ações e o sofrimento resultante, mas também para assumir a responsabilidade por essas ações e seus efeitos. Nesse contexto, encontramos na posição de dar um relato de nós mesmos. (BUTLER, 2015, p. 21).

Permanecer em silêncio diante do interrogador seria colocar em xeque sua autoridade, seria quebrar a organização hierárquica do espaço confinado, desmobilizar

Patrocínio, expostas em pequenos quadros, foram apresentadas pela primeira vez. A então estagiária Carla Gagliardi, responsável pelas entrevistas. As transcrições feitas por outra estagiária, Mônica Ribeiro de Sousa. Viviane Mosé, os responsáveis pelo museu Bispo do Rosário, os editores. Todos contribuíram para esse novo modo de existência de Stela Patrocínio.

²² Mais de trinta anos separam a prisão de Duarte, em 1968, e a publicação de *A grande porta do medo*, em 2003.

as posições que fixam os atos do interrogatório e da tortura. Porém, permanecer em silêncio, em espaços como o ocupado por Duarte no final dos anos 1960, no Rio de Janeiro, também pode ter outro significado: uma recusa que significa a própria morte, ainda mais absoluta do que aquela que descreve a linguagem: “No muro da Zona Norte meu coração falecia (...) o salto entre o tempo e a lembrança é dado detrás de um muro e não há mais perguntas e há somente o corpo, ou o seu presunto.” (DUARTE, 2003, p. 66).

Permanecer em silêncio nesses espaços é abdicar não só daquela existência, mas das potenciais modalidades de uma existência. Relatar a si mesmo, no caso de Duarte, passa tanto a ser uma resposta a aqueles diante dos quais não se pode silenciar (embora possa-se mentir, ocultar ou enlouquecer), quanto um modo de testemunhar sua própria existência, acossada pela iminência de uma punição. É essa força de testemunho que instaura essa existência, que dá a essa existência o desdobramento, o processo que torna possível existir de outro modo. E é esse testemunho corporificado numa nova materialidade – a escrita –, que intensifica a realidade dessa existência, e enfim como obra, a que esse testemunho irá se associar, passa a existir de outra maneira.

4 Conclusão: Existir no espaço confinado

“Terei outro meio de me agarrar ao ser e de me realizar, a não ser realizando em mim, comigo, esse instante?; a não ser fisgando esse instante e forçando-o, ele mesmo nele mesmo, a gritar muito alto seu nome?”
(Étienne Souriau)

Maurice Blanchot propõe que “escrevemos para salvar os dias, mas confiamos sua salvação à escrita, que altera o dia” (BLANCHOT, 2005, p. 275), ou, se pensarmos conforme à proposição de Souriau, escreve-se para instaurar ou legitimar uma determinada existência. Há aqueles que de fora instauram, legitimam, como a rede de pesquisadores do Engenho de Dentro, mas há os que necessitam fazer isso por si, mesmo que respondam a uma demanda externa, como faz Duarte com *A grande porta do medo*. Esse relato posterior fixa no discurso a permanência nessas espacialidades, seus efeitos múltiplos no corpo, na memória e na organização da linguagem.

A experiência do confinamento contra a vontade ocupa a sensibilidade com uma densa cerração que apaga os referenciais conhecidos. A realidade como se pensa conhecer está fraturada, não pode mais ser recomposta; é vácuo, hiato que se registra no

discurso como desarticulação, desestruturação da sintaxe: “aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa”, “Aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaiii” (DUARTE, 2003, diversas entradas). As palavras já não são as mesmas, os códigos se desestruturam, a palavra, a frase se desagregam: “É preciso que as letras comecem a fugir das palavras” (DUARTE, 2003, p. 62).

Há um deslocamento que desdobra-se numa realidade em que deslizam sentidos, em que se chocam a razão e sensibilidade. Nada é real, nada pode ser real, diz a razão, incapaz de dar conta do que boca, olho, ouvidos, pele e ossos registram. A rota de fuga é o sonho da mobilidade espacial, avançar até a potente espacialidade liberta. A cidade inventada para ser habitada por um corpo que escape das grades, ou que ressurgja de seu passado mitificado: “viajei, vagões, lugares. Passado: Copacabana, Lagoa” (PATROCÍNIO, 2001, p. 73) ou: “Quero me lembrar da prisão e o meu cuidado viaja para a Bahia. Tento chegar ao escuro do cubículo e chego ao verde praiial do Brasil.” (DUARTE, 2003, p.68). A escrita de uma existência confinada é deslocamento de sentido e um devir que é deslocamento. É deixar de ser real, e se desmaterializar, tornando-se incapaz de conquistar o direito de existir, ou, se esvaziarmos um dos argumentos de Souriau, o último dado autônomo dessa existência talvez seja poder morrer à sua maneira: “Eu não existia/Não tinha uma existência/ Não tinha uma matéria” (PATROCÍNIO, 2001, p. 80). Mas mesmo morrer à sua maneira não é estar morto. Na existência confinada, mesmo o direito de morrer foi transferido a um outro que substitui o ser, e, como símbolo, toma o lugar de Deus: “Agora eu sei porque em geral os torturados não denunciam o que sofreram (...) Porque eles acreditaram que a oculta face dos torturadores fosse a face de Deus.” (DUARTE, 2003, p. 60).

Morrer é depender da permissão e da ação de um ato externo, de um ser externo, que Butler, lendo Nietzsche, afirma ser uma autoridade (BUTLER, 2015, p. 21). É a imposição dessa autoridade que nos leva a narrar a nós mesmos, que leva a Duarte e Patrocínio produzir seus relatos. Relatar a si mesmo é o que resta a esse ser, é o que resta à maneira de ser desse sujeito que, segundo Souriau (LAPOUJADE, 2017, p. 103), é nosso gesto mais próprio, “nossa curvatura singular” (LAPOUJADE, 2017, p. 103), nosso modo de existir; mas como existir quando a existência está esvaziada de qualquer sentido? Como produzir um relato de si, como mobilizar o *conatus* que nos move, diante da existência confinada, da morte anunciada? De que modo se pode existir quando o ser se sente morto para si, como afirma Duarte, quando o ser se depara com a perda do domínio sobre a própria morte? De que modo existir, quando se está morto num corpo que ainda pulsa, sendo observado por um cérebro que não para de produzir

impulsos: “E durante aquilo, durante os copos que eu tive vontade de transformar em facas e cortar o pulso direito e o esquerdo, daqueles braços onde pousam as duas pombas do Senhor a sombra da paz e o fogo da Guerra” (DUARTE, 2003, p. 61).

O caminho que Duarte e Patrocínio encontram naquela situação-limite é desestruturar a espacialidade confinada dotando-a de uma nova dimensão. Seus corpos deixam de se sustentar, se esvaem, esfarelam, desmembrados de sua consciência. E talvez o que lemos como o relato do medo, possa ser lido como a derradeira aporia ou recusa: “Eu não estive presente à humilhação do meu corpo (...) Eu ainda estava anterior a mim mesmo, indiferente à minha e à sorte de todos os humilhados e ofendidos.” (DUARTE, 2003, p. 59).

As espacialidades em que estes corpos se veem confinados ganham nova geometria, não mais a potência do globo, mas a circunscrição do quadrado: cela, caixa, muro. O tempo passa a ser fixado no discurso como o registro de um corpo que deixa de ser unidade, tanto física quanto psíquica, deixa de ser, deixa de ocupar o espaço como presença. O corpo não é, e sim um “estar sendo”, um “foi” ou “fui”. Está se fazendo, como diz Patrocínio, está se fazendo, mas quem o faz é ainda um outro. Aquele que existe não é mais autônomo, é sempre conduzido ou realizado de fora pra dentro. E será assim para aqueles que não têm a chance de existir de outras maneiras, como Stela do Patrocínio e Rogério Duarte. A esses, resistir haverá de ser um reexistir coletivo, a ativação que aqueles que experimentam alguma liberdade produzem potencializando as existências dos que estão confinados. Testemunhando, fixando o discurso em escrita, a escrita que não apenas salva o dia, mas que instaura e materializa existências apagadas pelas limitações dos espaços circunscritos.

Referências

- BLANCHOT, M. **O livro por vir**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BUTLER, J. **Relatar a si mesmo – crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- DELEUZE, G. **Sobre o teatro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- DUARTE, R. **Tropicaos**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2003.
- SPINOZA, B. **Ética**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015
- LAPOUJADE, D. **As existências mínimas**. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

MOSÉ, V. Stela do Patrocínio, uma trajetória poética em uma instituição psiquiátrica.

In: **Reino dos bichos e dos animais é o meu nome**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001, pp. 19-43.

PATROCÍNIO, S. **Reino dos bichos e dos animais é o meu nome**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001.

RESISTING TO ERASEMENT: TESTIMONIES OF THE CONFINED
EXPERIENCES OF STELA DO PATROCÍNIO AND ROGÉRIO
DUARTE

Abstract

This article searches to investigate two works that reflect about confined experiences in Brazil: *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, collection of audiotapes transcriptions of Stela do Patrocínio's experiences as intern in Juliano Moreira asylum, in the 1980's; and *A grande porta do medo*, testimony of Rogério Duarte's period as a prisoner of Brazilian dictatorship, in 1968. The works of French philosopher Étienne Souriau and American philosopher Judith Butler will be articulated, helping to discuss the possibilities of individual and collective ways of bringing light to traumatic experiences of others human beings.

Keywords

Stela do Patrocínio. Rogério Duarte. Étienne Souriau. David Lapoujade. Literary Testimony. Resistance.

Recebido em: 17/09/2020

Aprovado em: 04/03/2022